

(R)

BIBLIOTECA NACIONAL
LIVRO ORIGINAL
MODELO N.º 10
RIO DE JANEIRO



Humoristic

Redactores: — Antonio de Lafayett, João de Albuquerque e Nicephoro Moreira.

BIBLIOTECA NACIONAL
S.L.R.

ANNO 1

Fortaleza, 8 de Março de 1896

NUM. 45



Dr. Bezerril Fontenelle

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

| | |
|----------------------------|---------|
| Para o exterior e interior | |
| Anno | 8:000 |
| Semestre | 4:000 |
| Numero avulso | 100 rs. |
| " anterior | 200 " |

Pagamento adiantado.

Redacção Rua do Major Facundo n. 116

O FIGARINO

Fortaleza, 8 de Março de 1896

DR. BEZERRIL FONTENELLE

Diz o adagio: rei morto, rei posto.
Contrariando esse adagio, vimos apothozar o Dr. Bezerril Fontenelle, nosso patricio e digno governador do estado, no fim do dominio de suas funcções.
E levado por seus merecimentos a posição de que subidamente gosa, o Dr. Fontenelle, tem muito feito pela sua terra natal, e seu nome não pode ser esquecido.
Collocando o seu retracto em nossa pagina de honra, onde ha de figurar o de mais de um cearense prestimoso, não bajulamos; rendemos um preito.
Salve!



CHRONIQUETA

Estamos hoje mesmo troxa para escrever a chroniqueta do nosso hebdomadario.

Falta de assumpto não é; porem, sim, uma lombreira de todos os dias.

Sabemos que os leitores nada tem confisso; mas confessamos nosso peccado, para o qual desde já pedimos o merecido perdão.

Continua a questao de cartões falsos e não falsos.

E até agora ainda não foi descoberto o autor do «ensebamento»

O que é certo é que o apparecimento de taes papelitos muito nos prejudicou, porque alguns vendedores de nosso jornal — cahiram no laço.

O nosso mercado está de horrorizar a ricos e pobres.

E o que é mais para admirar é que se come caro e ruim!

Quem não quizer morrer á fome tem de cahir nas unhas de um talhador de carne ou peixe, vendelhão de caranguejo ou syri e sujeitar-se ao que elle disser.

Um horror o mercado.

E não ha esperanças de uma melhora, porque a commandita de marchantes — pode muito.

E o mais é conversa.

Antigamente um pequeno chegava em uma quitanda cantarolando:

« Dez reis de alho,
« Dez reis de pimenta,
« E um novello de linha
« Numero cincoenta»

E fazia tudo por 40 reis...
Hoje a cousa mudou de figura.
Sò si vende de tustão para cima; e tal tustão de mercadoria é o mesmo que si vendia antigamente por menor preço.

Le monde marche.

Devido a carestia de tudo cada vez o povo se atira mais para o Amazonas.

Diz elle:

— Lá tudo é caro, mais se ganha dinheiro. E aqui? . . . Aqui tudo é caro e não se ganha p'ra feira.—

E o Zé povinho tem lá sua razão: aqui nem dinheiro ha.

Viva a republica!

LAPIS TRAVESSO



A TROTE LARGO

Na quinta feira passada fui girar lá no Passeio.

Oh! coisa desanimada!

Oh! que falta de recreio!

Si não fosse a muziquica do Corpo de segurança, tinha dito adeus a Xica e voado sem tardança.

Das peças que ouvi tocar (não é farofa nem proza) tive que apreciar uma de Pedro Feitoza.

Melhor muito que o Passeio ou jardim, como alguém chama, esteve o cosmorama, que de gente estava cheio.

Tinha mais gente alli que na chacara do Paes Pinto. Dizendo isto não minto, porque lá fui e lá vi.

Até mesmo na quitanda do Assis lá da esquina, havia gente mais fina e a briza corria branda.



DE VIOLÃO

Não sabes mimosa flor,
que em meu triste coração,
Existe um ninho de amor,
Habita a doce illusão,

de um dia poder contar-te
as maguas que sinto agora:
e humildemente lembrar-te
nossos queixumes de outr'ora,

Hei de fallar commovido
no pranto que tú vertestes
hei de mostrar-me exaustido
recordando o que soffrestes.

Hei de bendizer a calma
de teu peito virginal:
hei de sentir dentro d'alma
teu aroma divinal . . .

Hei de emfim, mimoso lyrio,
submisso idolatrar-te,
pedir a Deus o martyrio
que a sorte tenha de dar-te . . .

venha a mim, que tão somente
me importa teu bem estar;
para mim que eternamente
jurei a Deus te adorar.

Xiquinho Violão

VARIÉDADES



ESCUITA

Quando desejo em sonoro canto
dizer que és bella de primeira classe
vou a taverna, mando vir cerveja
fina de Bass.

Quando desejo repetir n'um hymno
que eu sou vassallo, que tu és rainha,
me satisfaço com um longo trago
D'aguardentinha.

Quando preciso de em sentidas trovas
fazer minh'alma te pedir conforto,
desfaleo a bolsa, preferindo o vinho
celho do Porto.

Quando pretendo produzir idyllios
em que a syntaxe duas pernas quebra,
si só teu nome não dispõe a musa
bebo genebra.

Quando desejo te offertar sonetos
em que confesso receiar o ataque
e os sentimentos que o crime gera
bebo cognac

Quando procuro nos momentos vagos.
ser si um poema do meo estro espirra,
lembro teos dotes, vou beijar o frasco
da gengibirra.

Quando disposto a conversar contigo
sinto este medo que o amor acanha,
condemno a bolsa a sacrificio enorme
bebo champanha

Quando desperto de um sonhar penozo
em que te vejo contra mim sangada,
fico com febre, vou pedir alivio
a limonada

E' pena que este pandego matreiro
em sua collecção parasse ahí
que á virtude uma vez não recorresse
da paraty



ADEOS A CAXAÇA.

Eu que sou livre, n'esta terra livre
Filho do indio, d'este chão de bravos:
Canto a caxaça que faz forte o fraco,
Canto a caxaça que não faz escravos.

Si lá na gruta já Pagé antigo
Sondava arcanos, conversava aos Piagas
E' que a jurema e cahim amigo
O remontava do porvir nas vagas.

Moysés fugindo, suffocado em sede,
Pede agua á rocha onde bebe um povo,
E' que fugiam: Não merecem fracos
Que a mandureba lhes dê sangue novo!
Porem si um trago de caxaça forte
Lhes fosse ao cráneo, percorrendo as veias
Todo esse povo que fugia a morte
Voltava ao Egypto, a rebentar cadeias.

Vêde essa Grecia, que guerreiros cria?
Vêde essa Roma produzir um Graccho?
E' que essas terras tão fecundas em ervas
Criavam filhos adorando Baccho,
E pode um Newton resolver problemas
E pode o paleo possuir um Talma,
— E o caleíta rebentar algemas
Sem que caxaça lhe estribuche n'alma?

E que seriam dos guerreiros nossos
Sem tu caxaça, na medonha guerra
Onde Barroso triumphou no mar.
Onde Sampaio foi heróe em terra?
No chão gelado dos immensas pampas,
Que foi sudario dos leões do norte:
Larga a caxaça nas geladas campas,
Que inda podem ressurgir da morte!

Mas eu que te amo, que te adoro santa,
Quebro hoje a taça, qual poeta a lyra;
E torno ao mundo, só de pluma ornada
Não. . . não te quero conduzir á pyra.
E tu que do homem as ideias sondas
Bem sabes, santa, que não mais te quero:
Mas, se do mundo naufragar as ondas,
Oh, a ti volto, com amor sincero.

Est.

E ESTA!

Minha mãe, casai-me cedo,
Estou feita rapariga:
O milho plantado tarde
Dá palha, não dá espiga.

SONO SONO

MOTTE

Tendo no bolço—dinheiro,
dou cartas, jogo de mão.

GLOSA

Digo mui lesto o lampreiro,
sem bulha, sem novidade:
sou mais que uma Potestade,
— tendo no bolço—dinheiro.
Como bem: mais d'um milheiro
de sedula ou patacão.
Não sinto perturbação,
tendo cobre no bolcito,
De feio — fico bonito,
— « dou cartas, jogo de mão»

Noticiarete

VAGAS

Entrou para o prélo este segundo livro de versos de Sabino Baptista. Serà mais um triumpho para a «Pardaria Espiritual» da qual elle é um bello ornamento.

A vante!

A passeio seteve nesta capital o Sr. Pedro Alves Feitosa, muito digno mestre de musica do esperançoso Club «Alberto Nepomoceno» e tambem nosso representante em Quixadá.

IMPrensa

Recebemos:

«O Popular» de Alagoinhas, estado da Bahia.

«O Echo» — de Natal, Rio G. do Norte.

«O Patriota» — da cidade de Curralinho, Pará.

Agradecemos.



Congresso de Sciencias Praticas

Acha-se funcionando regularmente todas as aulas primarias e secundarias deste estabelecimento de instrucção.

MOURA QUINEAU

E' o nome de um cearense que pretende brevemente montar um atelier nesta Capital.

Já vimos trabalho do intelligente artista; e por consiguiente, podemos dizer ao nesso publico que — é capaz de desempenhar com perfeição tudo que lhe fór confiado, sem menor desgosto de seu freguez. E' cearense... Ba: ta!

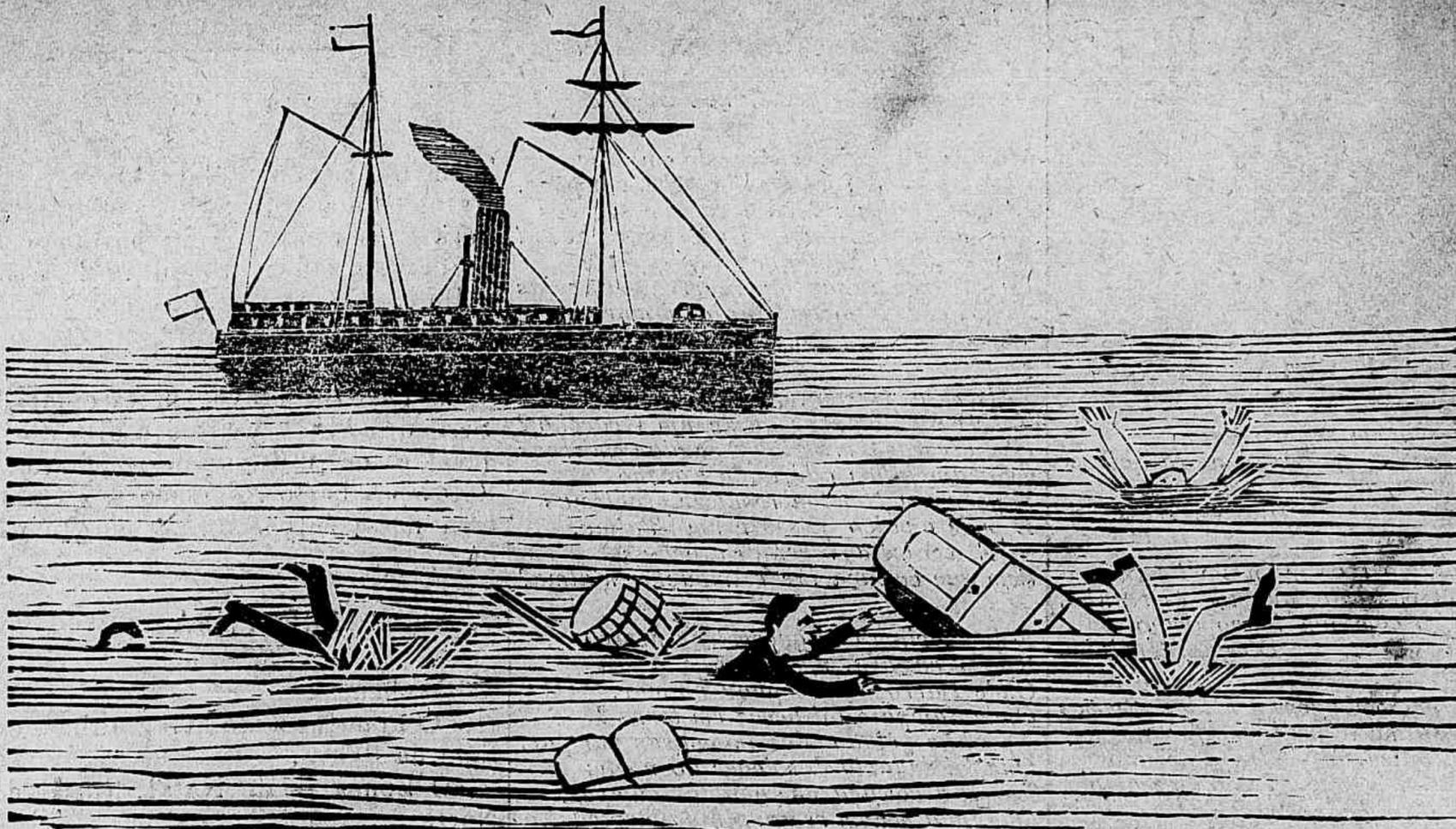
CONCURSO DE MOÇA BONITA

Por falta de espaço deixamos de dar hoje o resultado do concurso annunciado.

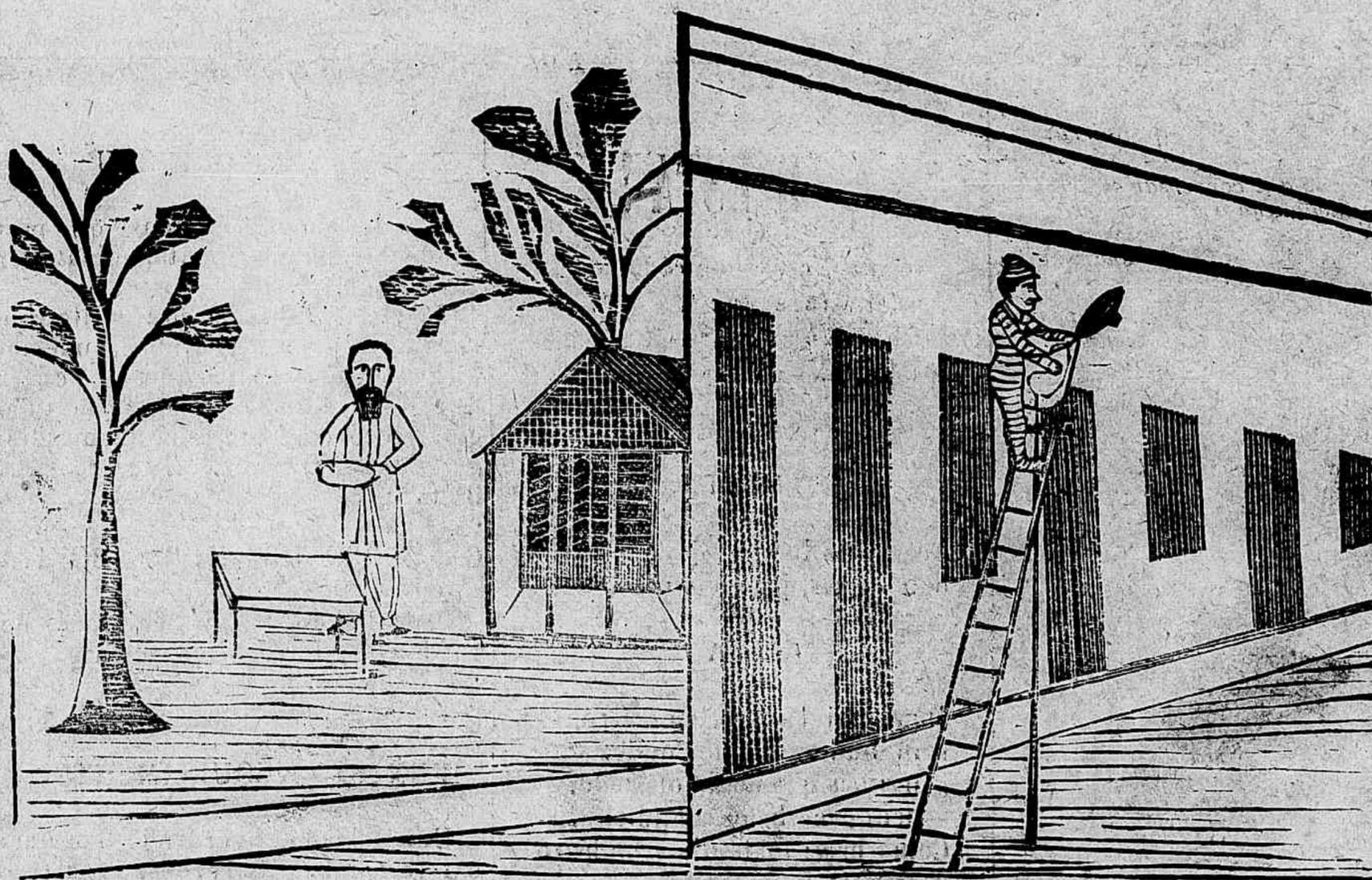
Temos gente em ponta bruta.

FUNESTO ESQUECIMENTO

Um soldado, perdendo em uma batalha ambas as pernas, poz se a contempla las, e com todo o sangue frio disse a um companheiro: «E' muito bem feito isso, para mim. Sempre recommendei a Deus o corpo e a alma mas das malditas pernas nunca me lembrei.»



Condições do nosso porto depois dos melhoramentos da Ceará Harbour Corporation. Infeliz daquelle que não tiver a vida segurada e tentar embarcar ou desembarcar em nosso porto



O Café Bamfica parece querer transformar-se | «O Figarino» reclama contra o estado de imundice em asylo. Já apparece gente de camisa e cerola | em que se acham os lampiões da iluminação] publica